

Mais uma vez, está certo o prof. Bulhões.

24 JUN 1983 | Economia - Brasil

A qualidade do mal deve determinar a qualidade da terapêutica. Esse é um princípio comezinho de medicina. Existem terapêuticas que são traumáticas, todo mundo sabe disso, e o papel do médico sensato é fazer com que o paciente não chegue a necessitar delas. Mas, se o caso já vem a suas mãos em estado avançado, a hesitação, a indecisão, a contemporização no uso da terapêutica adequada, mesmo traumática, pode levar à fatalidade. O bom médico, portanto, não é aquele que contemporiza com a doença, ou que escolhe a terapêutica menos traumática para o paciente, mas sim aquele que faz o que é certo no momento adequado — e elimina a doença.

Essas considerações nos ocorrem a propósito do problema do combate à inflação brasileira e às suas causas determinantes, que são, neste momento, o déficit do setor público e o descontrole monetário por ele provocado.

O prof. Otávio Gouveia de Bulhões tem sido bastante criticado por ter idéias consideradas radicais, e politicamente pouco palatáveis sobre como combater a inflação brasileira. Nós mesmos, como observadores, muitas vezes temos participado dessas críticas. Mas respeitamos o prof. Bulhões e constatamos, de qualquer modo, que no curto período em que ele foi ministro o combate à inflação no Brasil registrou o mais rápido e significativo sucesso de que se tem notícia.

Estamos inclinados a pensar que o chamado gradualismo na luta contra a inflação brasileira — e que na verdade tem sido exercido, como dizia recentemente o prof. Júlio Senna, de maneira excessivamente gradual e muito pouco competente — seria de certo modo comparável à homeopatia na medicina: serve quando o mal é pequeno e quando se deseja ou se pode combatê-lo sem nenhum risco de efeitos colaterais. Quando, porém, alguém se apresenta com uma infecção violenta e fulminante, mesmo o mais fanático homeopata começa a pensar se não seria melhor uma dose maciça do antibiótico adequado.

Assim, diante das proporções alcançadas pelo déficit público no Brasil, do nível alcançado pela inflação em consequência disso, do potencial de risco que isso oferece para o futuro, e da urgente necessidade de pôr ordem nas contas internas para poder negociar com credibilidade no Exterior, talvez tenha chegado a hora de utilizar, com lucidez, mas com coragem e firmeza, algumas das receitas do prof. Bulhões. Nossos conhecimentos não nos permitem julgar se tudo o que ele propõe seria eficiente do ponto de vista puramente técnico. Não há dúvida, no entanto, de que é o tipo de atitude pública que ele assume, de determinação, de firmeza e de coragem, que se torna necessária neste momento. Clarezza de idéias sim, sobre como manejar o instrumental técnico, mas sobretudo determinação e empenho no rumo traçado, seja ele qual for. Cremos que foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que tornou possível a vitória do prof. Bulhões contra a inflação no seu período. O mercado certamente não era capaz de avaliar com precisão se tudo o que ele fazia era correto; mas tinha uma certeza: ele faria tudo o que dizia e pensava, com pulso de ferro, enquanto fosse ministro. Quer dizer, ninguém ficava sem saber como iam ser as coisas — elas seriam muito duras enquanto o objetivo visado não fosse atingido.

Cremos que não só o Brasil mas também o mundo estão neste momento cansados de figuras que tentam agradar todo mundo ao mesmo tempo e gostam de tergiversar — mas que na verdade não têm nenhum propósito definido, nenhum comportamento confiável, nenhum empenho mensurável. E não podemos deixar de estabelecer um paralelo entre as consequências das incertezas e indecisões do governo brasileiro e as da firmeza e determinação do governo britânico. A primeira-ministra Margaret Thatcher sabe o que quer, diz o que quer, e faz como diz. Não quer coisas muito agradáveis para todo mundo; não diz coisas que todo mundo quer ouvir; e não faz o contrário do que disse que faria. Agora, portanto, de forma que seria extremamente impopular aos olhos de qualquer político moderno: o que não a impediu de colher a maior vitória eleitoral que seu Partido Conservador já teve. Fato que a animou a prosseguir na sua linha e aprofundá-la. Seu novo governo está fazendo a lista das empresas estatais que serão definitivamente privatizadas e daquelas que serão colo-

cadas a funcionar sob regime de eficiência de mercado. Governos britânicos que se consideravam politicamente muito "habilidosos" levaram a economia britânica ao atraso em relação a dos demais países industrializados e a perder, na década dos 60, o boom de progresso e modernização que todos os países desenvolvidos do Ocidente desfrutaram com eficácia. Agora, a "impopular" Margaret, com a "inabilidade" dos seus propósitos "radicais", tem um mandato popular maciço para encetar a modernização e a vivificação que a economia britânica almeja — e que começa pela redução do peso e da presença do Estado no aparelho econômico.

Enquanto isso o governo brasileiro — sempre cuidadoso na busca de instrumentos de ação moderados, gradualistas, que não firam o "interesse público"; sempre pródigo na descoberta e invenção de fins-sociais e outras formas de bajulação das massas; sempre prestativo na criação de empresas que fornecem bens e serviços de que a população precisa; sempre com a cornucópia aberta para "dinamizar" a economia — tudo o que consegue é ser batido eleitoralmente em todos os lugares onde o Brasil se modernizou e se popularmente desprestigiado por uma taxa de inflação astronômica e crescente. E, apesar da enorme capacidade de decisão revelada na gestação de elefantes brancos tipo Nuclebrás, Tubarão, Tucurui, Açominas, etc., é totalmente incapaz de se decidir sobre como agir para lutar eficazmente contra a inflação, e quais providências tomar para cumprir compromissos firmados com os credores externos. Há semanas o governo vem estudando como conciliar o imperativo de reduzir o déficit, controlar suas empresas, diminuir a inflação com o "interesse social". E só o que consegue é aprofundar a recessão, aumentar a inflação, e, portanto, irritar o povo que neste momento nada mais deseja senão uma perspectiva palpável de melhoria do mercado de trabalho e redução da alta nos preços.

Mais uma vez o professor Otávio Bulhões tem razão: do jeito que as coisas vão, só nos restará importar a sra. Thatcher...